



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E
INTEGRAÇÃO**

**A INFLUÊNCIA DA OTAN NA FÓRMULA 1 NO CONTEXTO DA GUERRA NA
UCRÂNIA**

ANA LUIZA GARRIDO AMORIELI

Foz do Iguaçu
2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E
INTEGRAÇÃO**

**A INFLUÊNCIA DA OTAN NA FÓRMULA 1 NO CONTEXTO DA GUERRA NA
UCRÂNIA**

ANA LUIZA GARRIDO AMORIELI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

Orientador: Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo

Foz do Iguaçu
2023

ANA LUIZA GARRIDO AMORIELI

**A INFLUÊNCIA DA OTAN NA FÓRMULA 1 NO CONTEXTO DA GUERRA NA
UCRÂNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo
UNILA

Prof. Dr. Micael Alvino da Silva
UNILA

Prof. Dr. Heloisa Marques Gimenez
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Maria Luiza e Marcos, por todo o esforço investido em minha educação ao longo desses 23 anos, por sempre estarem do meu lado, me apoiando e incentivando, mesmo quando eu não acreditava em mim. Por me apoiarem principalmente, durante essa trajetória louca que me levou a realizar um dos meus sonhos em Foz do Iguaçu, que fica 630 km longe de casa e, conseqüentemente, longe deles.

Agradeço à Universidade Federal da Integração Latino-Americana, pela sua integração, possuindo um ambiente tão diverso e rico culturalmente. A todos os meus professores, que me acompanharam ao longo do curso, sempre sendo tão solícitos, contribuindo para a minha formação acadêmica. Em especial ao meu professor-orientador Mamadou Alpha Diallo que, com muita paciência e dedicação, acompanhou todo o processo de elaboração deste trabalho, fornecendo orientações valiosas.

Por fim, agradeço ao heptacampeão mundial de F1, Lewis Hamilton, que, ao lutar pelos direitos humanos no meio de um esporte elitista, branco, heteronormativo e ocidental, me fez começar a acompanhar a categoria, torcendo por ele. Sem ele, eu não me interessaria pela Fórmula 1 e não escreveria esse trabalho destacando a hipocrisia dela.

RESUMO

No dia 24 de fevereiro de 2022 ocorreu a invasão do território ucraniano por tropas russas. Essa ação foi justificada com base em dois pretextos principais: a possibilidade de negociações para a entrada da Ucrânia na OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e a suposta necessidade de desmilitarizar o país para proteger os cidadãos de origem russa que vivem na região da Península da Crimeia e de Donbass. Essa invasão resultou em uma guerra em andamento que continua até os dias atuais, com impactos significativos em diversas áreas ao redor do mundo. O automobilismo, em particular a Fórmula 1, também tem sido afetado por essa situação. Os efeitos podem ser observados em vários aspectos da categoria, incluindo alterações no calendário de corridas e diversas repercussões comerciais e políticas para as equipes e patrocinadores envolvidos. Para analisar se há ou não influência da OTAN na Fórmula 1, principalmente no contexto da guerra na Ucrânia, o presente trabalho, a partir de uma pesquisa exploratória-explicativa e de uma abordagem qualitativa, analisará bibliografias e documentos, como sites, revistas, artigos, jornais e relatórios, a respeito da OTAN, da guerra na Ucrânia e de seus efeitos na categoria automobilística de Fórmula 1.

Palavras-chave: Guerra na Ucrânia; OTAN; Fórmula 1; Rússia.

RESUMEN

El 24 de febrero de 2022, las tropas rusas invadieron el territorio ucraniano. Esta acción se justificó a partir de dos pretextos principales: la posibilidad de negociaciones para la entrada de Ucrania en la OTAN (Organización del Tratado del Atlántico Norte) y la supuesta necesidad de desmilitarizar el país para proteger a los ciudadanos de origen rusa que viven en la región de la península de Crimea e de Donbass. Esta invasión resultó en una guerra en curso que continúa hasta el día de hoy, con impactos significativos en muchas áreas del mundo. El deporte del motor, en particular la Fórmula 1, también se ha visto afectado por esta situación. Los efectos se pueden observar en varios aspectos de la categoría, incluidos cambios en el calendario de carreras y diversas repercusiones comerciales y políticas para los equipos y patrocinadores involucrados. Para analizar si existe o no influencia de la OTAN en la Fórmula 1, principalmente en el contexto de la guerra en Ucrania, este proyecto, basado en una investigación exploratoria-explicativa y un enfoque cualitativo, analizará bibliografías y documentos, como sitios, revistas, artículos, periódicos y reportajes sobre la OTAN, la guerra en Ucrania y sus efectos en la categoría de automóviles de Fórmula 1.

Palavras-chave: Guerra en Ucrania; OTAN; Fórmula 1; Rússia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Principais estruturas da OTAN.....	20
Figura 2 - Evolução da pontuação da Fórmula 1.....	32
Figura 3 - Explosão próxima ao circuito de Jeddah na Arábia Saudita.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACF - Automobile Club de France
AIACR - Association Internationale des Automobile Clubs Reconnus
AMISOM - African Union Mission in Somalia
ANP - Annual National Programme
C4 - Command, Control, Communications and Computers
CAEA - Conselho de Associação Euroatlântica
CAN - Conselho do Atlântico Norte
CBRN - Chemical, Biological, Radiological and Nuclear
C-IED - Countering Improvised Explosive Devices
COI - Comitê Olímpico Internacional
COVID-19 - Corona Virus Disease - 2019
CPD - Comitê de Planos de Defesa
CSI - Commission Sportive Internationale
EAPC - Euro-Atlantic Partnership Council
EOD - Explosive Ordnance Disposal
EUA - Estados Unidos da América
F1 - Fórmula 1
F1CA/FOCA - Formula 1 Constructors Association
FIA - Fédération Internationale de l'Automobile
FIFA - Fédération Internationale de Football Association
FISA - Fédération Internationale du Sport
GP - Grande Prêmio
GPDA - Grand Prix Drivers' Association
GPN - Grupo de Planos Nucleares
MAP - Membership Action Plan
NACC - North Atlantic Cooperation Council
NIDC - NATO Information and Documentation Centre
NLO - NATO Liaison Office
NMI - NATO Mission Iraq
ONU - Organização das Nações Unidas
OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PAC - Comprehensive Assistance Package

PfP- Partnership for Peace

SALW - Destruction of Small Arms and Lights Weapons

UA - União Africana

UE - União Europeia

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. GUERRA NA UCRÂNIA	11
2.1. ANTECEDENTES	11
2.2. INVASÃO RUSSA	13
2. ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN)	16
2.1. HISTÓRIA	16
2.1.1. Contexto de criação	16
2.1.2. Características	17
2.1.3. Estrutura de funcionamento	18
2.2. OPERAÇÕES MILITARES FORA DO TERRITÓRIO DE SEUS ESTADOS-MEMBROS	19
2.2.1. Operação na Bósnia e Herzegovina	19
2.2.2. Operação no Kosovo	20
2.2.3. “Parceria” com a União Africana	21
2.2.4. Operação no Iraque	22
2.3. A OTAN E A GUERRA NA UCRÂNIA	22
2.3.1. Relação OTAN-Ucrânia	23
2.3.2. Atuação da OTAN na guerra na Ucrânia	24
3. FÓRMULA 1 E A GUERRA NA UCRÂNIA	27
3.1. HISTÓRIA DA CATEGORIA	27
3.1.1. Antecedentes	27
3.1.2. Fórmula 1	28
3.1.3. Dias atuais	30
3.2. IMPLICAÇÕES DA GUERRA NA UCRÂNIA PARA A F1	31
4.2.1. GP de Sochi	31
3.2.2. Caso Haas	33

3.2.3. “No War”, porém depende	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

No dia 24 de fevereiro de 2022, após a possibilidade de negociações para o ingresso da Ucrânia na OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), tropas russas invadiram o território ucraniano com o intuito de demonstrar influência russa sobre a região e “desmilitarizar” o país, visando a proteção dos cidadãos de origem russa que habitam as regiões conflituosas da Crimeia e de Donbass (Guitarrara, 2023). Tal invasão acabou gerando uma guerra que dura até os dias de hoje e que vem afetando os mais diversos âmbitos mundiais, como o âmbito do automobilismo, mais precisamente da Fórmula 1, que será o objeto de foco do presente trabalho.

Diante disso, tendo como ponto de partida a teoria realista das relações internacionais, a qual observa a OTAN como uma organização de satisfação dos interesses de seus Estados-membros, principalmente, da liderança militar estadunidense na Europa (Sarfati, 2005), a tese em questão busca responder a seguinte pergunta: pode-se dizer que a OTAN possui influência, mesmo que de maneira implícita, na Fórmula 1? Para isso, partiremos da hipótese de que sim, a OTAN possui influência na F1, já que, mesmo acontecendo conflitos/guerras/intervenções em outros países que recebem a categoria, eles não são penalizados por serem países-membros da organização ou aliados de membros dela.

Esse trabalho estuda a categoria automobilística no contexto da guerra na Ucrânia, contudo não abordará qual lado da guerra na Ucrânia está certo e qual está errado, mas sim a diferença de tratamento que ocorre - na Fórmula 1 - quando é um país aliado a OTAN ou de interesse da organização. Para isso, será feita uma pesquisa exploratória-explicativa a partir de uma abordagem qualitativa analisando bibliografias sobre a OTAN e a guerra na Ucrânia assim como documentos (sites, revistas, jornais e relatórios) referentes a Fórmula 1, a guerra na Ucrânia e suas consequências para a F1.

Para responder à pergunta norteadora e comprovar, ou não, a hipótese pré-estabelecida acima, o presente trabalho se dividirá em três capítulos. O primeiro capítulo tratará, de maneira geral, sobre a guerra na Ucrânia, trazendo seus antecedentes (Império Russo, URSS, Crimeia e Donbass) e a invasão russa em si e suas causas. Já o segundo capítulo irá retratar a OTAN, desde seu contexto de criação (Guerra Fria), suas características, passando por suas operações militares até sua atuação no conflito em território ucraniano.

Por fim, o terceiro e último capítulo será focado nas consequências que a guerra teve para a Fórmula 1. Para isso, será exposto - de forma breve - a história da categoria e seu formato atual. Além disso, serão debatidas as implicações que a guerra teve para a categoria, destacando o cancelamento do Grande Prêmio da Rússia, em Sochi e a relação entre a equipe

Haas F1 Team, seu ex-piloto russo, Nikita Mazepin, e a produtora e exportadora russa de fertilizantes de potássio, Uralkali, antiga patrocinadora *master* da equipe em questão. Por fim, será discutida a campanha “No War” feita pela FIA (Federação Internacional de Automobilismo) e pelos pilotos, com o intuito de pedir o fim da guerra na Ucrânia e apoiar o país invadido.

1. GUERRA NA UCRÂNIA

A guerra entre a Ucrânia e a Rússia iniciou-se no dia 24 de fevereiro de 2022, através de ataques aéreos e terrestres. Entretanto, as tensões entre ambos países iniciaram-se muito antes desses países serem o que conhecemos hoje como Ucrânia e Rússia.

1.1. ANTECEDENTES

Para podermos falar sobre a guerra na Ucrânia é necessário entendermos a relação conturbada entre ambos os países que vem desde a criação da Rússia de Kiev (862-1242), passando pelo Império Russo (1721-1917), pela ascensão e queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1922-1991) até a Euromaidan (2013-2014), isto é, até os conflitos contemporâneos na Península da Crimeia e em Donbass. A Rússia de Kiev é formada pelos territórios que conhecemos hoje como parte da Rússia, Ucrânia e Belarus (Guitarrara, 2023), portanto, foi o berço do desenvolvimento das línguas russa, ucraniana e bielorrussa, respectivamente.

A região em questão foi marcada por influências externas, destacando-se os vikings do Norte e o cristianismo de Bizâncio ao sul. Por influência dos vikings podemos realçar o começo da utilização dos rios da região para comércio com o Báltico e com o Mar Negro, criando-se assim, as cidades; já em relação ao cristianismo, houve, em 989, a conversão do príncipe russo, Vladimir I, ao cristianismo como forma de aliança - principalmente comercial - com o imperador Basílio II, de Bizâncio (Infopédia, 2023). Por fim, entre 1237 e 1242, os Estados da Rússia de Kiev foram invadidos pelo Império Mongol, levando a sua fragmentação em várias partes (Mark, 2018).

Anos mais tarde, em 1480, aconteceu a Batalha do Rio Ugra, na qual os mongóis foram derrotados pelas tropas de Ivan III - Grão-Príncipe de Moscou - e, conseqüentemente, deixaram de dominar a Rússia. Já do lado da Ucrânia, em razão do domínio mongol e do declínio de Kiev, o território ucraniano acabou dividindo-se ainda mais, entre remanescentes dos mongóis, o Ducado da Lituânia e o Reino da Polônia (Lobato, 2022). Portanto, percebe-se que a região da atual Ucrânia, ao ser dominada pelos mongóis, lituanos e poloneses, já começa a ter características divergentes da atual Rússia.

Já no século XVIII, durante o Império Russo, ocorre a expansão do império em direção ao oeste, assim, parte do território ucraniano é anexado ao Império Russo; o Império chega também aos Cárpatos e apodera-se da maior parte dos países bálticos, como a Lituânia, Letônia e a Estônia (Marshall, 2018). A parte do território ucraniano que é anexada encontra-se à leste do rio Dniepre, enquanto a parte oeste do rio mantém-se sobre o controle

da Polônia; na região anexada ao Império Russo inicia-se o processo de russificação, isto é, o uso e o estudo da língua ucraniana passam a ser proibidos e os habitantes são obrigados a converterem-se à fé cristã ortodoxa russa (Conant, 2023).

Durante a URSS, a Ucrânia é totalmente anexada, tornando-se República Socialista Soviética da Ucrânia e é durante esse mesmo período que ocorre o Holodomor. O Holodomor, o genocídio de milhões de ucranianos, ocorreu na década de 1930 e foi caracterizado pela morte de milhões de ucranianos em razão da fome causada pela estratégia de Josef Stalin, que forçava os camponeses a se unirem à política comunista de fazendas coletivas (Charleaux, 2022). Após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Stalin mandou cidadãos soviéticos, mais precisamente russos, para repovoar a região afetada, sendo ela o leste da Ucrânia.

Seguindo essa linha temporal, em 1954, segundo Tim Marshall (2018) em *Prisioneiros da Geografia*, a URSS cedeu à Ucrânia a região da Península da Crimeia, “(...) numa época em que se pensava que o homem soviético nunca deixaria de existir, e assim a área seria controlada por Moscou eternamente” (2018, p.32). Portanto, isso acontece como um gesto simbólico, estratégico e, de certa forma, sem valor, já que, para Moscou, a URSS não se desintegraria e a Península da Crimeia permaneceria sob seu controle.

Por fim, após uma série de fatores, como a crise econômica na Alemanha Oriental, com a indústria e a infraestrutura quase em colapso, a insatisfação da população, o autoritarismo e a emergência de movimentos de oposição, ocorre, em 1989, a queda do muro de Berlim. Queda essa que, juntamente com o desgaste do modelo comunista em um mundo globalizado e moderno tecnologicamente, os excessivos gastos com guerras e com países comunistas de fora da URSS, as medidas de Perestroika e Glasnost¹, o desastre de Chernobyl, acordos com os EUA, pressões políticas internas e tentativa de golpe, levaram, em 1991, a dissolução da URSS e, por conseguinte, a independência da Ucrânia (Fernandes, s.d.).

A Euromaidan (2013-2014), também chamada de Primavera Ucraniana, foi uma onda de manifestações e agitações civis que ocorreram na Ucrânia entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014. Tais acontecimentos foram causados em razão da atuação ambígua do presidente ucraniano da época, Viktor Yanukovich, em relação à Rússia e à União Europeia. Yanukovich estava negociando um acordo com a UE e, após ser pressionado por Vladimir Putin, saiu do acordo e fez um pacto com Moscou, levando a uma série de protestos

¹ Medidas implementadas, nos anos 80, por Mikhail Gorbachev com o intuito de modernizar o mercado econômico soviético e viabilizar a abertura política da URSS (Rosa, 2020).

pró-ocidentais que acabaram derrubando-o do poder e levando-o a fugir da Ucrânia (Marshall, 2018).

Após a fuga de Yanukovich, o governo ucraniano foi tomado por facções anti-russas, as quais anunciaram a intenção de abolir o russo como segunda língua oficial em várias regiões; isso serviu de justificativa para Putin anexar a Crimeia, que, além de ter 60% da população composta por pessoas etnicamente russas, possui o porto de Sebastopol, com acesso direto aos oceanos (Loureiro, 2022). Putin incentivou a realização de um referendo para a população decidir se queriam anexar-se a Rússia ou continuar do jeito que estavam, como parte da Ucrânia; essa proposta de anexação venceu de maneira esmagadora, mas o referendo não foi reconhecido como legítimo já que não foi acompanhado por observadores internacionais nem jornalistas desvinculados de agências estatais (Charleaux, 2022).

Enquanto ocorriam essas questões na Península da Crimeia, a Rússia estimulava a insurreição em outras regiões de maioria etnicamente russa, como a região de Donbass, mais especificamente Lugansk e Donetsk (Charleaux, 2022). A região de Donbass é importante também para a Rússia por possuir acesso ao mar Negro e ao mar Mediterrâneo e por ser a maior e mais importante fonte de energia da região industrial da Ucrânia (Conant, 2023). Logo, iniciaram-se conflitos entre a Ucrânia e tais grupos separatistas alinhados à Rússia, os quais declararam independência das regiões administrativas; entretanto, essa proclamação nunca foi reconhecida pela Ucrânia (Charleaux, 2022).

O desenrolar desses conflitos nas três regiões citadas exemplificam-se através de sanções internacionais impostas à Rússia - de maneira limitada já que maior parte do continente europeu dependia (e ainda depende) do gás russo (Marshall, 2018) - e do não reconhecimento de tais independências por parte da Ucrânia e dos outros países do globo, principalmente aliados à OTAN Além do mais, em relação ao cessar fogo nas Repúblicas de Lugansk e Donetsk, firmaram-se os Acordos de Minsk² (2014 e 2015), contudo, ambos foram considerados muito vagos e não foram cumpridos pelas partes (Foster, 2022).

1.2. INVASÃO RUSSA

Como visto no sub-tópico anterior, Ucrânia e Rússia possuem uma ancestralidade comum e é esse passado em comum que foi a principal justificativa norteadora da invasão

² Os acordos de Minsk foram mediados pela França e pela Alemanha e obtiveram apoio do Conselho de Segurança da ONU. De acordo com os acordos, as Repúblicas de Lugansk e Donetsk receberiam autonomia dentro da Ucrânia, porém, Kiev não respeitou os acordos e continuou, mesmo que em menor escala, atacando os dissidentes e os EUA continuaram fornecendo armas e treinamento militar para o lado pró-Ucrânia (Foster, 2022).

russa à Ucrânia. Após o fim da Guerra Fria e a independência da Ucrânia em relação à antiga URSS, em 1991, pairou-se um ressentimento em relação a essa perda de território e uma certa angústia em relação à expansão da OTAN em direção ao Leste Europeu; angústia essa que representava o medo russo de que a OTAN, mais especificamente os EUA, colocassem mísseis e uma base militar em território ucraniano (Loureiro, 2022).

Tal medo é pertinente já que, desde o fim da Guerra Fria, ainda sob o governo de George W. Bush, os Estados Unidos, ao se preocuparem em evitar o ressurgimento da Rússia como grande potência, começaram a tomar medidas de avanço geopolítico estadunidense no território da antiga URSS. Anos mais tarde, em 1996, durante o governo de Bill Clinton, o objetivo ainda era o mesmo e, para isso, a OTAN voltou-se para tentativas de englobar os países do antigo Pacto de Varsóvia³, tendo a Ucrânia como principal alvo, pois, se a Ucrânia fosse incorporada à OTAN e, por assim dizer, estivesse sob o domínio ocidental, a Rússia enfraqueceria e, de certa forma, estaria sob controle dos países da OTAN (Foster, 2022).

Por outro lado, enquanto a Rússia possuía esse ressentimento no pós-Guerra Fria, a Ucrânia vivia um sentimento de liberdade, por ter conquistado algo que almejava desde a Primeira Guerra Mundial. Portanto, ao não querer voltar para o domínio da Rússia, a Ucrânia passou a ver na OTAN uma solução para seus problemas de segurança em relação à Rússia (Loureiro, 2022), uma espécie de proteção, já que, de acordo com o Artigo 5º. da Carta de Fundação da OTAN “um ataque armado contra uma ou várias nações na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas” (NATO, 1949).

Isto é, se a Rússia atacasse a Ucrânia de alguma forma, os outros países-membros da OTAN estariam do seu lado para ajudar em sua defesa. Apesar da Ucrânia não ser membro da OTAN, como os outros países do antigo Pacto de Varsóvia - Polônia, Albânia, Bulgária, antiga Tchecoslováquia (República Tcheca e Eslováquia atualmente), Romênia e Hungria -, ela possui um Acordo de Associação com a organização desde 2017 (Marshall, 2018). Logo, percebe-se que a Ucrânia almeja ingressar na OTAN e a União Europeia, porém ainda é muito dependente da energia russa.

Em novembro de 2021, Joe Biden (presidente dos Estados Unidos) e Volodymyr Zelensky (presidente da Ucrânia) concordaram na incorporação da Ucrânia à OTAN, levando a uma movimentação estadunidense de militarização do território ucraniano e assim incentivando o provável conflito com a Rússia. Meses mais tarde, em fevereiro de 2022, Kiev

³ Acordo militar firmado em 1955, como resposta à OTAN, que estabelecia uma aliança entre os países socialistas do Leste Europeu, como URSS, Polônia, Albânia, Alemanha Oriental, Bulgária, Tchecoslováquia, Romênia e Hungria (Theodoro, 2020).

- apoiada pelos EUA e pela OTAN - preparou uma ofensiva nas fronteiras de Donbass. Como resposta, a Rússia declara o fracasso dos acordos de Minsk e que as Repúblicas de Lugansk e Donetsk deveriam ser consideradas Estados independentes e autônomos (Foster, 2022).

Assim, no dia 24 de fevereiro de 2022, Vladimir Putin, sob o dever do Kremlin⁴⁵, envia tropas russas com o intuito de proteger a população russa habitante das regiões em questão e de “desmilitarizar e desnazificar” a região, dando início a guerra na Ucrânia. Além disso, pode-se dizer que a invasão à Ucrânia foi uma maneira de Putin reconquistar sua reputação perante o povo russo; reputação essa que estava abalada em razão da queda na economia russa em razão a COVID-19 (Guitarrara, 2023).

Com isso, podemos concluir que a invasão russa à Ucrânia foi resultado de uma complexa interação de fatores históricos, geopolíticos e internos, criando uma situação de conflito que teve repercussões significativas na região e no cenário internacional. Além do mais, os EUA desempenharam um papel significativo nesse cenário, culminando na militarização do território ucraniano e, eventualmente, na invasão russa.

⁴ O Kremlin é um complexo fortificado, localizado em Moscou, que abriga a sede do governo da Federação Russa (DW, s.d.).

⁵ “O Kremlin tem uma lei que obriga o governo a proteger os russos étnicos” (Marshall, 2018, p.32). Esses russos étnicos são as pessoas que possuem o russo como sua primeira língua.

2. ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN)

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) caracteriza-se por ser uma organização intergovernamental formada por 30 países, os quais cooperam política e militarmente. A organização foi criada em 1949, no contexto da Guerra Fria, com o intuito de garantir a segurança de seus países-membros, seja através da diplomacia ou do uso da força militar.

2.1. HISTÓRIA

Para entender melhor a organização, é necessário compreender seu contexto de criação, suas características, como seus países-membros e a evolução de seu conceito estratégico e, por fim, a sua estrutura de funcionamento.

2.1.1. Contexto de criação

De acordo com o Artigo 51 da Carta das Nações Unidas, mais conhecida como Carta de São Francisco por ter sido discutida durante a Conferência de São Francisco em 1945:

Nada na presente Carta irá prejudicar o inerente direito de defesa individual ou coletiva no caso de ocorrer um ataque armado contra um membro das Nações Unidas, até que o Conselho de Segurança tenha tomado as medidas necessárias para a manutenção da paz e da segurança internacionais. As medidas tomadas pelos membros no exercício desse direito de legítima defesa serão comunicadas imediatamente ao Conselho de Segurança e não deverão, de nenhuma maneira, afetar a autoridade e responsabilidade do Conselho de Segurança, sob e presente Carta, para tomar, a qualquer momento, as medidas que julgar necessárias para manter ou restaurar a paz e a segurança internacionais (UN, tradução nossa⁶).

Logo, esse artigo possibilitou o surgimento de organizações de caráter regional. Além do mais, em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial e com o mundo caminhando para a sua bipolaridade, alguns países europeus (vencedores) buscaram articulações para defenderem-se dessa nova ordem mundial. Assim sendo, em março de 1948, França, Reino Unido, Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo assinaram o Tratado de Bruxelas (Costa, 2006).

Do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos, visando a contenção da URSS, procuravam ampliar suas relações com os países ocidentais da Europa, portanto, em junho de 1948, o Congresso estadunidense aprovou a Resolução de Vandenberg, autorizando a associação do país com outros em prol da promoção da defesa coletiva. Consequentemente,

⁶ No original “Nothing in the present Charter shall impair the inherent right of individual or collective self-defence if an armed attack occurs against a Member of the United Nations, until the Security Council has taken measures necessary to maintain international peace and security. Measures taken by Members in the exercise of this right of self-defence shall be immediately reported to the Security Council and shall not in any way affect the authority and responsibility of the Security Council under the present Charter to take at any time such action as it deems necessary in order to maintain or restore international peace and security.”

no dia 4 de abril de 1949, ocorre a assinatura, em Washington (EUA), do Tratado do Atlântico Norte, tendo como membros fundadores os países do Tratado de Bruxelas (França, Reino Unido, Bélgica, Países Baixos) mais Estados Unidos, Canadá, Dinamarca, Islândia, Itália, Noruega e Portugal (NATO, 2023).

Porém, foi apenas em 1951, em Ottawa, Canadá, que o tratado passou a ter condição de organização, tornando-se assim, a Organização do Tratado do Atlântico Norte, isto é, passou a ter personalidade jurídica, sendo representada perante a comunidade internacional (Costa, 2006). Atualmente, a OTAN conta com 30 países-membros, sendo eles, além dos fundadores, Grécia (1952), Turquia (1952), Alemanha⁷ (1955), Espanha (1982), República Tcheca (1999), Hungria (1999), Polônia (1999), Bulgária (2004), Eslováquia (2004), Eslovênia (2004), Estônia (2004), Letônia (2004), Lituânia (2004), Romênia (2004), Albânia (2009), Croácia (2009), Montenegro (2017), Macedônia do Norte (2020) e Finlândia (2023).

2.1.2. Características

A OTAN caracteriza-se por ser uma “organização internacional político-militar de caráter regional e composição intergovernamental” (Costa, 2006, p.137), por ser constituída por Estados mediante um tratado, o qual define seus princípios, objetivos e sua personalidade jurídica. Seu conceito estratégico pode ser explicado a partir de três fases. A primeira fase, 1949-1991, foi definida pela motivação de sua criação, isto é, fazer frente à URSS, utilizando-se de uma estratégia de represália maciça, destacando a dissuasão nuclear e a ameaça ao uso de armas nucleares.

Com o fim da Guerra Fria e a dissolução da URSS, inicia-se a segunda fase, marcada pela continuidade da ênfase na defesa e na segurança e pela adição da necessidade de se aproximar dos antigos inimigos, sendo eles ex-membros da URSS e/ou do Pacto de Varsóvia. Para isso, em 1994, ocorre a criação da Parceria para a Paz (PfP - *Partnership for Peace*, em inglês), sendo os parceiros em questão: Albânia, Armênia, Áustria, Azerbaijão, Bielorrússia, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Cazaquistão, Croácia, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Finlândia, Geórgia, Hungria, Irlanda, Letônia, Lituânia, Macedônia do Norte, Malta, Moldávia, Montenegro, Polônia, Quirguistão, República Tcheca, Romênia, Rússia, Sérvia, Suécia, Suíça, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão (NATO, 2020).

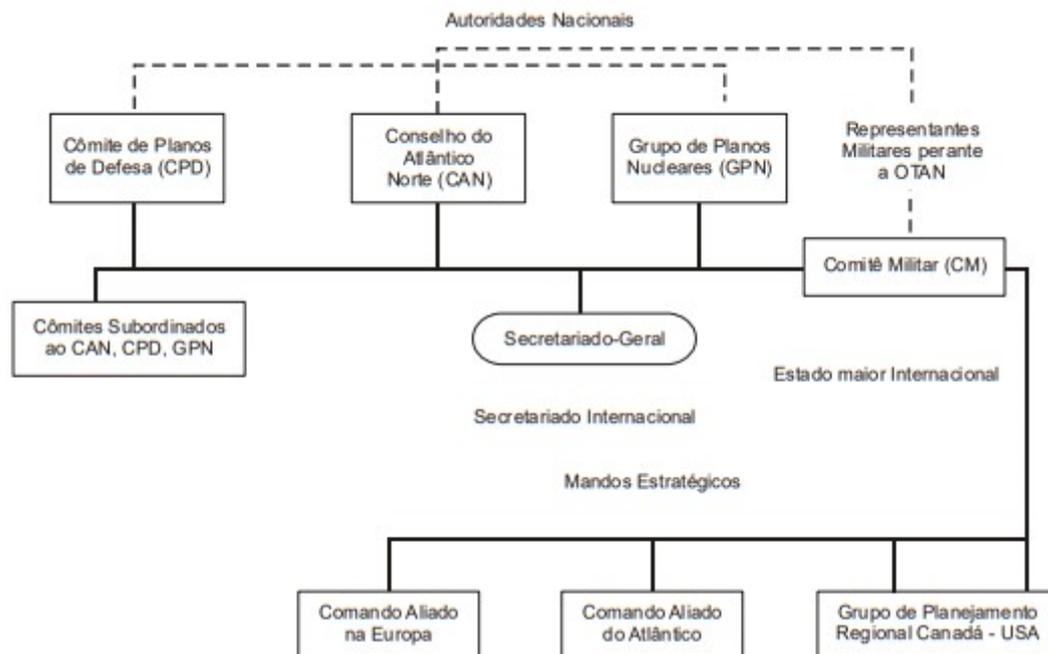
⁷ Num primeiro momento, apenas a Alemanha Ocidental era membro da OTAN, porém, após a queda do muro de Berlim, dissolução da URSS e reunificação da Alemanha, toda a Alemanha passou a fazer parte da organização.

Por fim, o conceito estratégico da OTAN muda após os atentados de 11 de setembro de 2001, elevando a importância do terrorismo internacional e das armas de destruição em massa. Ademais, a organização passa a olhar para as ações de preparação de conflitos não-convencionais e para garantir a segurança e a defesa euro-atlântica, são necessárias ações fora dessa área, seja por meio da ação preventiva ou da resposta a ações (Costa, 2006).

2.1.3. Estrutura de funcionamento

Pode-se dizer que a OTAN possui duas estruturas: a civil e a militar. Na estrutura civil encontra-se, principalmente, o Conselho do Atlântico Norte (CAN), o Comitê de Planos de Defesa (CPD), o Grupo de Planos Nucleares (GPN), o Secretário-Geral e o Conselho de Associação Euroatlântica (CAEA). O CAN apresenta-se como o órgão supremo, sendo o único com autoridade explícita no Tratado Constitutivo; ele define as linhas de atuação da organização e as divulga para que o público forme sua opinião. Tais decisões são tomadas por consenso ou por unanimidade, não havendo diferenciação de voto entre os Estados-membros (Costa, 2006).

Figura 1 - Principais estruturas da OTAN



Fonte: Costa (2006)

Já o CPD, possui as mesmas funções, atribuições e autoridades que o CAN, porém trata apenas das questões relacionadas à defesa. Por outro lado, o GPN, como o próprio nome diz, aborda os assuntos políticos ligados às forças nucleares. O Secretário-Geral, estadista eleito pelos Estados-membros, preside todos os conselhos anteriormente mencionados (e

outros de alto nível da organização) e tem como função, segundo Rogério Santos da Costa (2006) em *Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN): histórico, características, objetivos, funcionamento e influência na segurança coletiva*:

(...) promover e dirigir o processo de consultas e tomada de decisões, propor temas para debates, mediar disputas entre os Estados membros, ser o principal porta-voz da OTAN interna e externamente e dirigir o Secretariado Internacional, que é um conjunto de órgãos composto de pessoal dos países membros e que dá suporte tanto ao secretário-geral quanto ao Conselho do Atlântico Norte e seus comitês subordinados (Costa, 2006, p.147-148).

Por fim, o CAEA abriga os Estados-membros da OTAN e os Estados não-membros, visando a cooperação política e militar. Em contrapartida, a estrutura militar é composta pelo Comitê Militar e pelo Estado-Maior Internacional. O Comitê Militar, composto pelos representantes militares perante a OTAN, e subordinado ao CAN, ao GPN e ao CPD, tem como função assessorar o direcionamento político e estratégico militar, dando diretrizes ao Comando Estratégico; Comando esse composto, principalmente, pelo Comando Aliado na Europa, Comando Aliado no Atlântico e pelo Grupo de Planejamento Regional Canadá-EUA.

Por último, mas não menos importante, existe o Estado-Maior Internacional, o qual é composto pela equipe militar e por alguns civis cedidos pelos Estados-membros, tendo assim, uma responsabilidade supranacional por objetivarem o interesse comum de toda a aliança e não de seus Estados em particular. Além do mais, é importante ter em mente que a OTAN não possui um efetivo militar próprio, isto é, um exército, mas sim efetivos militares dos Estados-membros que se articulam dentro de sua estrutura militar, os quais são utilizados sempre que a organização precisa de seus mecanismos de defesa e de ação para sua segurança ou a de aliados (Costa, 2006).

2.2. OPERAÇÕES MILITARES FORA DO TERRITÓRIO DE SEUS ESTADOS-MEMBROS

A OTAN, sob a alegação de que a instabilidade em determinados lugares do globo pode afetar a segurança de seus Estados-membros, opera - militarmente - fora de seu território. Essas atuações ocorrem a partir de pedidos da ONU, de governos locais ou de outras organizações (Bertazzo, 2010), contudo, também pode ocorrer sem autorização de algum organismo internacional, por iniciativa da própria OTAN, em prol da paz e da estabilidade em determinada área.

Os exemplos mais emblemáticos de operações militares da OTAN são a da Bósnia e Herzegovina (1992-2004), do Kosovo (1999-presente), a “parceria” com a União Africana no Sudão e na Somália (parceria desde 2005) e do Iraque (2018-presente).

2.2.1. Operação na Bósnia e Herzegovina

Com a dissolução da Iugoslávia, em 1991, após o fim da URSS, iniciou-se uma série de conflitos violentos na Bósnia e Herzegovina em razão de sua diversidade étnica. A Bósnia e Herzegovina era composta por bósnios-muçulmanos (44%), sérvios (31%) e croatas (17%) (Silva, s.d.), conseqüentemente, haveria divergências em relação à sua independência, sendo as mais violentas entre os bósnios-muçulmanos - os quais queriam a independência total da Bósnia e Herzegovina - e os sérvios - que defendia a anexação dos territórios bósnios, de maioria sérvia, à Iugoslávia - (Silva, s.d.).

Assim sendo, os sérvios-bósnios, buscando atingir seus objetivos, iniciaram uma limpeza étnica da Bósnia e Herzegovina, exterminando a população bósnia. Em 1992, com a escalada do conflito, a OTAN, em parceria com a ONU, aplicou o embargo de armas no mar Adriático e uma zona de exclusão aérea declarada pelo Conselho de Segurança da ONU (NATO, 2023). Porém, foi apenas em 1994 e 1995, que a OTAN entrou ativamente no conflito ao abater quatro caças sérvios-bósnios e ao atender ao pedido da ONU para ataques aéreos, respectivamente.

Por fim, apesar de diversas operações militares, a mais importante foi a Operação Força Deliberada⁸, em 1995, que teve como alvo as instalações de comando, controle e munição sérvios-bósnios, sendo fator chave para a assinatura do Acordo de Paz de Dayton e, conseqüentemente, para o fim da guerra na Bósnia e Herzegovina. Após a assinatura do Acordo de Paz iniciaram-se a retirada das tropas da OTAN e, em dezembro de 2004, houve uma operação de apoio à paz no país, havendo a instalação de um quartel-general militar - da OTAN - para auxiliar o governo na reforma de suas estruturas de defesa (NATO, 2023).

2.2.2. Operação no Kosovo

A intervenção no Kosovo ocorreu no final do século XX, quando, com o fim da URSS, a Eslovênia, Croácia e Bósnia tornaram-se independentes da antiga República Socialista Federativa da Iugoslávia. Mesmo com essas independências, a região do Kosovo (de maioria étnica albanesa) ainda fazia parte da Iugoslávia (de maioria étnica sérvia),

⁸ Operation Deliberate Force em inglês.

portanto, houve a criação do Exército de Libertação do Kosovo para buscar essa separação; essas revoltas geraram uma série de conflitos violentos (Santos *et al.*, 2017).

Em 1989, com a eleição de Slobodan Milošević como presidente da República Iugoslava da Sérvia, as tensões e as violações dos direitos humanos aumentam, mas apenas 10 anos depois que a OTAN, sob a justificativa de impedir o genocídio de uma minoria étnica (kosovar) e restaurar a paz e a segurança internacional, resolveu intervir; intervenção essa que ocorreu sem a autorização da ONU ou de qualquer outro organismo internacional. Essa intervenção caracterizou-se por 78 dias de bombardeios na Sérvia, em Montenegro e no Kosovo, levando à morte de centenas de pessoas e a retirada das tropas de Milošević.

Em 2008, o Kosovo declarou - de maneira unilateral - a independência⁹ e iniciou um processo de transição democrática, apoiado pelos EUA e pela maioria dos países da União Europeia; anos mais tarde, em 2012, o Kosovo conquistou a soberania plena (Santos *et al.*, 2017). A OTAN permanece em território kosovar até os dias de hoje, trabalhando na manutenção de um ambiente seguro e protegido e na livre circulação de pessoas (NATO, 2023).

2.2.3. “Parceria” com a União Africana

A “parceria” da OTAN com a União Africana iniciou-se em 2005, com a UA pedindo apoio logístico e de transporte para a missão em Darfur, no Sudão. Com o intuito de acabar com a violência e melhorar a situação humanitária na região, a OTAN forneceu transporte aéreo e treinamento para as forças da AMIS (*African Union Mission in Sudan*, em inglês). Anos mais tarde, em 2007, a parceria voltou a ocorrer, mas dessa vez voltada para a missão na Somália; a OTAN forneceu transporte aéreo e marítimo para as forças da AMISOM (*African Union Mission in Somalia*, em inglês) (NATO, 2023).

A cooperação entre ambas organizações vem sendo desenvolvida em três áreas: apoio operacional (transporte aéreos e marítimos e planejamento de missões), apoio à formação (oficiais da UA treinando em instalação de formação e educação da OTAN) e assistência estrutural (apoio ao Conceito de Força Africana em Estado de Alerta¹⁰, como exercícios, precauções e preparação para catástrofes). Além disso, a OTAN possui um escritório de ligação na sede da UA em Adis Abeba, na Etiópia.

Apesar desta cooperação com a União Africana, a OTAN chegou a conduzir operações militares no continente africano sem o aval da UA, como a intervenção militar de 2011, na

⁹ Independência não reconhecida por Belgrado (Sérvia), China e Rússia.

¹⁰ African Stand-by Force Concept, em inglês.

Líbia. A OTAN, alegando que precisava garantir que os civis não sofressem mais com os ataques militares e que Kadafi - líder que vinha utilizando da força para manter-se no poder e abafar as manifestações da população - renunciasse ao poder (Paiva, 2012).

Porém, existia uma outra motivação para essa intervenção: o petróleo e o gás líbios. Além do mais, com a intervenção a crise humanitária se agravou, já que algumas operações da OTAN atingiram a sociedade civil, a organização sequer se desculpou e após a morte de Kadafi, a organização retirou suas tropas, não ajudando na transição para o novo governo e não se preocupando com a possibilidade de acontecer uma nova rebelião (Paiva, 2012).

2.2.4. Operação no Iraque

Desde 2018 a OTAN alega possuir no Iraque uma missão “não-combatente” de aconselhamento e capacitação, fundada na “parceria” e na inclusão, respeitando a soberania, a independência e a integridade territorial do Iraque. Essa missão foi fundada com o objetivo de construir forças armadas e instituições de segurança mais sustentáveis, transparentes, inclusivas e eficazes para que assim, os próprios oficiais iraquianos consigam estabilizar o país, combater o terrorismo e impedir o regresso do ISIS/Daesh (NATO, 2023).

A NMI (*NATO Mission Iraq*, em inglês) atua junto com a Coligação Global Contra Daesh, a ONU e a União Europeia. Tal atuação se dá por meio do aconselhamento do Ministério da Defesa do Iraque, do Gabinete do Conselheiro de Segurança Nacional, do Centro de Operações Nacionais do Primeiro Ministro e de instituições de ensino militar profissional do Iraque na área metropolitana de Bagdá. Além do mais, tem como foco “política e estratégia; geração e desenvolvimento de força; gestão de recursos; Mulheres, Paz e Segurança; desenvolvimento de liderança; boa governança no setor de segurança” (NATO, tradução nossa¹¹).

Porém, não é isso que ocorre na prática, já que a presença da organização no Iraque acaba desestabilizando e dividindo o país, algo semelhante com o que fizeram na Líbia, em 2011. Tanto que, em 2020, após a morte do general iraniano Qassem Soleimani, causada por um ataque estadunidense, a OTAN optou por suspender suas operações de treinamento no país (AFP, 2020).

¹¹ “Policy and strategy; force generation and development; resource management; Women, Peace and Security; leadership development; and good governance in the security sector.”

2.3. A OTAN E A GUERRA NA UCRÂNIA

A Ucrânia, apesar de não fazer parte da OTAN, possui uma certa proximidade com a organização e é essa proximidade e possibilidade de ingressar a organização que foi um dos motivos da Rússia ter invadido o território ucraniano. Devido à essa proximidade e ao interesse da OTAN em firmar a Ucrânia no seu lado, a organização acaba atuando de maneira direta no conflito.

2.3.1. Relação OTAN-Ucrânia

A relação entre a OTAN e a Ucrânia começou, de maneira formal, em 1991, quando a Ucrânia - recém independente - aderiu ao Conselho de Cooperação do Atlântico Norte (NACC - *North Atlantic Cooperation Council*, em inglês), um fórum de diálogo e cooperação entre os membros da OTAN e os ex-membros do Pacto de Varsóvia. Dois anos mais tarde, a Ucrânia aderiu à já mencionada PFP, programa esse de cooperação bilateral prática entre os países parceiros individuais da OTAN (NATO, 2023).

O ano de 1997 destaca-se por três acontecimentos nessa relação entre organização e país: a substituição do NACC pelo Conselho de Parceria Euro-Atlântica (EAPC - *Euro-Atlantic Partnership Council*, em inglês), o qual teve a Ucrânia como um dos membros fundadores; a Carta sobre uma Parceria Diferenciada (*Distinctive Partnership*, em inglês); e a instalação do Centro de Informação e Documentação da OTAN (NIDC - *NATO Information and Documentation Centre*, em inglês), em Kiev.

A Carta de 1997 caracterizou-se pelo estabelecimento de uma Comissão OTAN-Ucrânia, a qual seria o principal órgão responsável pelo desenvolvimento dessa relação. Em 2009, essa Carta foi complementada, conferindo à Comissão um papel central no aprofundamento do diálogo político e da cooperação para apoiar os esforços de reforma da Ucrânia para aderir à OTAN e lançando o Programa Nacional Anual (ANP - *Annual National Programme*, em inglês), o qual trataria sobre as questões políticas, econômicas, militares, de recursos e legais (NATO, 2023).

Assim sendo, o NIDC foi criado com o objetivo de apoiar os esforços para informar o público ucraniano sobre as atividades da OTAN e os benefícios da cooperação OTAN-Ucrânia e fornecer aconselhamento e apoio às instituições ucranianas na área do desenvolvimento de capacidades de comunicações estratégicas. Já em 1999, para auxiliar o NIDC, instalou-se, também em Kiev, o Gabinete de Ligação da OTAN (NLO - *NATO Liaison Office*, em inglês), o qual manteria contato com ministérios e agências ucranianos, aconselharia autoridades

sobre as atividades de apoio à parceria e às reformas OTAN-Ucrânia e reforçaria o diálogo político e prático entre ambos.

Anos mais tarde, em 2008, aconteceu em Bucareste, na Romênia, a Cúpula da OTAN, na qual os membros da organização concordaram que a Ucrânia deveria se tornar um membro dela, por conseguinte, ela teria que seguir o Plano de Ação para a Adesão (MAP - *Membership Action Plan*, em inglês), implementando uma série de reformas políticas, econômicas, de defesa, recursos, segurança e jurídicas no país. No ano seguinte, ocorre a introdução - por parte da Ucrânia - do ANP como principal instrumento para promover a integração euro-atlântica e as reformas relacionadas (NATO, 2023).

Entre o período de 2010 a 2014, a Ucrânia adotou uma política de não-alinhamento, interrompendo-a com a agressão russa na região da Crimeia; agressão essa que teve resposta da OTAN, já que a organização suspendeu toda a cooperação prática civil e militar com a Rússia e não reconheceu as anexações, no caso de Donetsk e Lugansk, e, na região de Donbass, a independência. Dois anos depois, em 2016, ocorreu, em Varsóvia, na Polônia, outra Cúpula da OTAN. Nela a OTAN define apoiar ativamente a Ucrânia a partir do Pacote de Assistência Abrangente (PAC - *Comprehensive Assistance Package*, em inglês). O PAC tinha por objetivo apoiar a capacidade da Ucrânia de garantir a sua própria segurança e de implementar reformas abrangentes baseadas nos padrões da OTAN, isto é, ocorreriam transformações nos setores de segurança e defesa ucranianos (NATO, 2023).

Em 2017 o Parlamento ucraniano adota uma legislação que restabelece a adesão à OTAN como um objetivo estratégico da política externa e de segurança, mas é apenas em 2020, com o presidente Zelensky que é aprovada uma nova estratégia de segurança nacional ucraniana, a qual prevê o desenvolvimento de uma parceria distinta com a OTAN com o objetivo de aderir a organização. Por fim, em 2022, a Ucrânia, sentido-se ameaçada pelas tentativas russas de anexação do território ucraniano, reitera o pedido de adesão à OTAN; a organização, em resposta, decide reforçar o PAC para prestar ainda mais apoio à Ucrânia, durante a Cúpula de Madrid, na Espanha.

No presente ano, durante a Cúpula de Vilnius, na Lituânia, a OTAN reafirmou o seu compromisso de que a Ucrânia se tornará membro da organização e aderiu mais uma PAC com o propósito de ajudar a reconstruir o setor de segurança e defesa ucraniano e fazer a transição da Ucrânia para a plena interoperabilidade com a OTAN. Portanto, nota-se que, apesar do país e da organização possuírem laços estreitos, a adesão nunca aconteceu de fato, a Ucrânia apenas continuou na preparação para ela (NATO, 2023).

2.3.2. Atuação da OTAN na guerra na Ucrânia

Em relação à guerra na Ucrânia, a OTAN tem uma postura bastante clara. A OTAN condena veemente a guerra, alegando que tal agressão mina gravemente a segurança euro-atlântica e global e viola o direito internacional. A organização, juntamente com a ONU, exige que a Rússia pare a guerra, cesse o uso da força contra a Ucrânia e retire completa e incondicionalmente todas as suas forças da Ucrânia. Além disso, afirma que a guerra teve impacto no meio ambiente, na segurança nuclear, energética e alimentar, na economia global e no bem-estar de milhões de pessoas em todo o mundo (NATO, 2023).

Condena também a tentativa ilegal da Rússia de anexar quatro regiões da Ucrânia (Donetsk, Lugansk, Kherson e Zaporizhzhia), a decisão russa de se retirar da Iniciativa de Grãos do Mar Negro¹² e suas tentativas de impedir as exportações agrícolas da Ucrânia. À vista disso, a OTAN, a UE e a ONU - compostas majoritariamente pelos mesmos países - estão trabalhando para revitalizar o acordo de cereais e permitir a continuação das exportações de cereais ucranianos por terra e por mar. Além do mais, os membros da OTAN, em resposta à guerra, impuseram severas sanções à Rússia com a intenção de privar os recursos da máquina de guerra do Kremlin.

A OTAN apoiou, de maneira prática, a Ucrânia por meio do *Trust Funds* e do reforço da PAC, que atuam de forma complementar. Os *Trust Funds*, são fundos que fornecem recursos para apoiar o desenvolvimento de capacidades, através do Comando, Controle, Comunicações e Computadores¹³ (C4), da Reabilitação Médica¹⁴, do Programa de Desenvolvimento Profissional¹⁵ e do apoio nas áreas militares, como a eliminação de munições explosivas (EOD¹⁶), o combate a dispositivos explosivos improvisados (C-IED¹⁷), a destruição de armas ligeiras e de pequeno calibre (SALW¹⁸), munições convencionais e minas terrestres, o gerenciamento de segurança de estoques de munições, a eliminação segura de resíduos radioativos e restauração de terras, a defesa cibernética, logística e padronização (NATO, 2023).

Já o reforço do PAC, caracteriza-se pelo fornecimento de assistência militar não-letal, pelo apoio bilateral, fornecimento de armas, equipamento e treinamento, ajuda financeira e

¹² Iniciativa promovida pela ONU e pela Turquia com o objetivo de reintroduzir exportações vitais de alimentos e fertilizantes da Ucrânia e da Rússia para o resto do mundo (News, 2022).

¹³ Auxilia a Ucrânia na reorganização e modernização de suas estruturas e capacidades C4.

¹⁴ Apoia a Ucrânia na melhoria do seu sistema de reabilitação médica para garantir que sejam prestados serviços sustentáveis a longo prazo aos pacientes.

¹⁵ Ajuda a desenvolver as capacidades dos civis que trabalham nas instituições de defesa e segurança da Ucrânia.

¹⁶ Explosive Ordnance Disposal, em inglês.

¹⁷ Countering Improvised Explosive Devices, em inglês.

¹⁸ Destruction of Small Arms and Lights Weapons, em inglês.

humanitária, acolhendo milhões de refugiados nos países da organização e pela assistência militar a longo prazo. O termo não-letal refere-se a rações de combate, combustível, botas do exército, suprimentos médicos, equipamento de educação e treinamento militar, proteção química, biológica, radiológica e nuclear (CBRN¹⁹), a EOD, equipamentos contra drones e a comunicação via satélite aprimorada.

Dentro da assistência não-letal há também alguns projetos adicionais, como o apoio adicional no domínio C4, sistemas anfíbios de pontes e balsas, abrigos e geradores, chuveiros móveis, unidades móveis de lavanderia, equipamentos de restauração de alimentos, ambulâncias e caminhões de bombeiros, caminhões de combustível e tanques de transferência, caminhões de água, pneus, baterias e roupas de inverno. Para mais, o termo longo prazo refere-se ao programa plurianual de assistência à Ucrânia, baseado num financiamento sustentado e previsível, visando reconstruir o setor de segurança e defesa ucraniano, continuar as reformas na Ucrânia para sua aderência a organização e fazer face às consequências físicas e sociais da guerra, incluindo apoio à desminagem e assistência médica coordenada (NATO, 2023).

Ao todo, a ajuda militar à Ucrânia já ultrapassou R\$560 bilhões. Tal ajuda se deu por meio da ajuda financeira, do envio de armas pequenas e mísseis, como sistemas portáteis de defesa aérea, capacetes e coletes à prova de balas, veículos, lançadores de foguetes múltiplos, drones estadunidenses, escudos antimísseis e bombas de fragmentação (AFP, 2023). Dentre os veículos enviados estão os helicópteros, tanques e caças F-16; esses últimos foram enviados junto com pessoas aptas a treinarem os pilotos ucranianos para seu uso.

¹⁹ Chemical, Biological, Radiological and Nuclear, em inglês.

3. FÓRMULA 1 E A GUERRA NA UCRÂNIA

Para compreender melhor o tópico em questão é necessário uma contextualização da Fórmula 1, assim sendo, será apresentado a história da F1, desde seus antecedentes até seu formato atual, destacando suas características, como equipes, pilotos, sistema de pontos e países que recebem as corridas. Será apresentado também as consequências que a guerra na Ucrânia teve para a categoria automobilística, como o cancelamento do GP da Rússia, o caso conturbado da equipe Haas e a campanha “No War”.

3.1. HISTÓRIA DA CATEGORIA

Apesar de ter sido criada, de maneira oficial pela FIA (*Fédération Internationale de l'Automobile*, em francês), apenas em 1950, a história da Fórmula 1 tem sua origem no final do século XIX, com a disputa das primeiras corridas de carro no continente europeu.

3.1.1. Antecedentes

Em 1900 houve a criação da *Gordon Bennett Cup*, corrida que aconteceu nas vias públicas que ligavam Paris a Lyon, na França. Cada país possuía três carros, de determinadas cores, para representá-los, sendo esses: os carros franceses eram azuis, os belgas amarelos, os britânicos verdes, os alemães pratas, os italianos vermelhos e os estadunidenses brancos. Além disso, a nação com o carro vencedor sediaria a corrida do ano seguinte (Kaiser, 2021).

Entretanto, a nação ganhadora de 1905, representada pelo ACF (*Automobile Club de France*, em francês), se recusou a receber a Copa no ano seguinte e criou um novo evento: o *Grand Prix* (Grande Prêmio, em português); nome esse utilizado até os dias de hoje. O primeiro GP ocorreu em Le Mans, na França e durou até 1949, sendo pausado apenas durante as duas guerras mundiais, entre 1914 e 1918 e entre 1939 e 1945 (Kaiser, 2021).

Em 1925, a AIACR²⁰ (*Association Internationale des Automobile Clubs Reconnus*, em francês) criou o Campeonato Mundial de Fabricantes, isto é, a disputa não era mais entre as organizações automobilísticas das nações, mas sim entre os fabricantes. A pontuação deste novo Campeonato caracterizava-se pelo primeiro lugar recebendo 1 ponto, o segundo 2 pontos, o terceiro 3 pontos, todos os outros finalistas recebiam 4 pontos, quem não terminasse a corrida recebia 5 pontos e quem nem começasse a corrida recebia 6 pontos (Kaiser, 2021); assim sendo a fábrica que possui-se menos pontos, seria a campeã.

²⁰ Criada em 1904 para representar os interesses sobre o automobilismo e o uso dos automóveis.

Anos mais tarde, em 1931 a AIACR criou o Campeonato Europeu de Pilotos. Nesse campeonato, a pontuação dos três primeiros colocados era a mesma apresentada anteriormente, no Campeonato Mundial de Fabricantes, já quem completasse mais de 75% da corrida, receberia 4 pontos, quem completasse entre 50%-75% receberia 5 ponto, entre 25%-50% 6 pontos, menos de 25% 7 pontos e quem não iniciasse a corrida, receberia 8 ponto (Kaiser, 2021). Portanto, seguindo o sistema de pontuação mínima, haviam dois campeões: a equipe fabricante e um piloto.

Em contrapartida, no ano de 1939, foi apresentado o sistema de pontuação máxima, isto é, quem pontuasse mais, ganharia os campeonatos. Nesse novo sistema, o primeiro lugar receberá 10 pontos, o segundo 6 pontos, o terceiro 5 pontos, o quarto 4 pontos, o quinto 3 pontos, os outros pilotos que começassem a corrida receberiam 1 ponto e quem nem começasse, não receberia nenhum ponto (Kaiser, 2021). Porém, esse novo sistema foi apresentado depois da temporada começar, fazendo com que as equipes e jornais esportivos calculassem a pontuação de acordo com seus próprios interesses e mesmo após o fim da temporada um sistema não foi decidido, já que a reunião que decidiria nunca aconteceu em razão da Segunda Guerra Mundial. Logo, nunca houve um campeão - oficial - em 1939.

3.1.2. Fórmula 1

No ano de 1950, a FIA - antiga AIACR após 1945 - criou o Primeiro Campeonato Mundial de Fórmula²¹ 1 para Pilotos. Embora houvesse até 22 Grandes Prêmios realizados naquele ano, o campeonato reconheceu oficialmente apenas seis corridas na Europa, além das 500 Milhas de Indianápolis nos Estados Unidos, que foi incluída principalmente como um meio para justificar o termo Campeonato “Mundial” (Kaiser, 2021); apesar disso, os pilotos e as equipes que corriam na Europa eram diferentes dos que corriam nos EUA.

O sistema de pontuação máxima utilizado neste Campeonato da F1 (Fórmula 1) constituiu-se de 8 pontos para o primeiro colocado, 6 pontos para o segundo, 4 pontos para o terceiro, 3 pontos para o quarto e 2 pontos para o quinto colocado; ademais, o piloto que marcasse a volta mais rápida da corrida receberia 1 ponto. Das sete corridas de qualificação, apenas os quatro melhores desempenhos de cada piloto foram combinados para o total do campeonato (Kaiser, 2021).

Já no ano seguinte, em 1951, a única mudança que ocorreu foi em relação à contabilização de corridas, que de quatro passou a contabilizar as cinco melhores corridas. A

²¹ Recebe esse nome de “Fórmula” em razão da fórmula/padrão que as equipes devem seguir para construir seus carros, respeitando os critérios relacionados à mecânica dos carros (Porto, s.d.)

primeira corrida fora do eixo Europa-EUA aconteceu apenas em 1954, quando a Argentina recebeu a F1 (Lesme, s.d.). Além disso, apenas em 1958 houve a criação da Copa Internacional para Fabricantes da F1, na qual cada equipe receberia pontos de acordo com seu carro melhor colocado em cada corrida, utilizando a mesma alocação de pontos do campeonato de pilotos (Kaiser, 2021); e foi neste mesmo ano que ocorreu a primeira corrida da F1 no continente africano, em Marrocos (Lesme, s.d.).

Em 1964 foi criada a F1CA²² (*Formula 1 Constructors Association*, em inglês), uma organização representante dos interesses financeiros das equipes pequenas e/ou independentes (Kaiser, 2021). Outra mudança ocorreu no ano de 1967, quando, em busca de uma maior competitividade, os cinco melhores resultados das primeiras e das últimas seis corridas passaram a ser contados. Além do mais, nesse ano, quatro das doze corridas foram disputadas fora do continente europeu, sendo elas na África do Sul, no Canadá, no México e nos EUA (Lesme, s.d.).

Na década de 1970 houve uma grande mudança na F1, que deixou de focar principalmente nos entusiastas esportivos e passou a focar mais no comercial. Nessa mesma década, mais precisamente em 1972, houve a primeira corrida oficial no Brasil, no Autódromo de Interlagos (Porto, s.d.); todavia, em 1978 e entre 1981-1989, as corridas aconteceram no Autódromo de Jacarepaguá, no RJ (Andrade, 2023).

Sempre houve muita confusão em relação à numeração dos carros, por isso, em 1974, a FIA determinou que a numeração dos carros seria de acordo com a classificação do campeonato de construtores do ano anterior (Kaiser, 2021). Seguindo a ordem cronológica, em 1978, a antiga CSI²³ (*Commission Sportive Internationale*, em francês) transformou-se em FISA (*Fédération Internationale du Sport Automobile*, em francês), sendo agora um corpo governante do esporte que estabelece regulamentos para as divisões do automobilismo e controla os direitos comerciais (Kaiser, 2021).

Outra mudança ocorreu no ano seguinte: todas as corridas passaram a ser contabilizadas para o campeonato de construtores, mas não para o campeonato de pilotos; tal contabilização para o campeonato de pilotos só ocorreu em 1991 (Kaiser, 2021). Mais duas mudanças no sistema de pontuação ocorreram: em 2003, os 7º e 8º lugares passaram a receber pontos (dois e um ponto, respectivamente) e em, 2010, os dez primeiros colocados passaram a pontuar.

²² Renomeada para FOCA (*Formula One Constructors Association*, em inglês) já que a sigla anterior assemelhava-se a uma palavra vulgar italiana.

²³ Ala esportiva da AIACR criada em 1922.

Figura 2 - Evolução da pontuação da Fórmula 1

Years in Use	Points by Position									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1950-1959	8	6	4	3	2	-	-	-	-	-
1960	8	6	4	3	2	1	-	-	-	-
1961-1990	9	6	4	3	2	1	-	-	-	-
1991-2002	10	6	4	3	2	1	-	-	-	-
2003-2009	10	8	6	5	4	3	2	1	-	-
2010-Present	25	18	15	12	10	8	6	4	2	1

Fonte: Kaiser (2021)

Em relação a numeração dos pilotos, em 2014 houve uma mudança, a FIA estabeleceu que cada piloto poderia escolher seu próprio número, usado durante a temporada ou a carreira, entretanto, apenas o piloto campeão no ano anterior poderia optar por usar o número 1 (Kaiser, 2021).

3.1.3. Dias atuais

Até a primeira metade da temporada da F1, a categoria arrecadou, segundo a Liberty Media (gestora comercial da F1), cercada US\$724 milhões (Esporte, 2023); detalhe que essa arrecadação parcial só não foi maior devido o cancelamento do GP da Emília-Romanha, em Ímola, na Itália, em razão das enchentes na região (Fatuross, 2023). Portanto, percebe-se que pode-se dizer que a FIA chega a ser um órgão internacional que rivaliza com o COI (Comitê Olímpico Internacional) e com a FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*, em francês) em seu alcance e influência.

A categoria atualmente é formada por 10 equipes²⁴, compostas por 2 carros/pilotos (F1, 2023), por 2 campeonatos: o de pilotos e o de construtores (determinado pela junção dos pontos dos pilotos de cada time) e por uma temporada de 23 corridas²⁵, sendo elas em quatro continentes: uma na Oceania (Austrália), cinco na América do Norte (1 no Canadá, 1 no México e 3 nos EUA), uma na América do Sul (Brasil), nove na Europa (Itália, Mônaco,

²⁴ Alfa Romeo F1 Team Stake (Valtteri Bottas e Zhou Guanyu), Scuderia AlphaTauri (Daniel Ricciardo e Yuki Tsunoda), BWT Alpine F1 Team (Esteban Ocon e Pierre Gasly), Aston Martin Aramco Cognizant F1 Team (Fernando Alonso e Lance Stroll), Scuderia Ferrari (Carlos Sainz e Charles Leclerc), MoneyGram Haas F1 Team (Kevin Magnussen e Nico Hulkenberg), McLaren Formula 1 Team (Lando Norris e Oscar Piastri), Mercedes-AMG PETRONAS F1 Team (George Russell e Lewis Hamilton), Oracle Red Bull Racing (Max Verstappen e Sergio Pérez) e Williams Racing (Alex Albon e Logan Sargent) (F1, 2023).

²⁵ Muitos fatores determinam o calendário das corridas. As estações e o clima em diferentes regiões devem ser considerados e os organizadores fazem alguns esforços para agrupar as corridas na mesma região geográfica para reduzir os custos de viagem e facilitar a logística (Kaiser, 2021).

Espanha, Áustria, Inglaterra, Hungria, Bélgica e Holanda) e sete na Ásia (Bahrein, Arábia Saudita, Azerbaijão, Singapura, Japão, Catar e Emirados Árabes Unidos) (F1, 2023).

O sistema de pontuação atual é retratado pela pontuação dos dez primeiros pilotos, sendo essa pontuação 25 pontos para o primeiro colocado, 18 para o segundo, 15 para o terceiro, 12 para o quarto, 10 para o quinto, 8 para o sexto, 6 para o sétimo, 4 para o oitavo, 2 para o nono e 1 ponto para o décimo. Aliás, o piloto só recebe a pontuação (1 ponto) da volta mais rápida se ele estiver entre os dez primeiros colocados (Kaiser, 2021). Há também a possibilidade do campeonato ser definido bem antes do final da temporada.

Para haver mais competitividade entre as equipes e os pilotos, a FIA estipula um limite de trocas de componentes por temporada, se trocar a mais, é punido com posições no grid de largada da corrida (Kaiser, 2021). Em relação ao orçamento, cada equipe recebe um pagamento - para a próxima temporada - com base no desempenho da temporada anterior e elas também arrecadam dinheiro por meio de patrocinadores. Até mesmo a própria F1 (órgão dirigente) ganha dinheiro através de patrocínios, venda de direitos de TV e taxas cobradas dos locais que hospedam as corridas.

3.2. IMPLICAÇÕES DA GUERRA NA UCRÂNIA PARA A F1

A invasão russa à Ucrânia afetou todos os âmbitos da sociedade, levando a uma série de implicações à Rússia e aos russos. O âmbito do automobilismo, em especial o da Fórmula 1 também foi afetado, como o caso do cancelamento da corrida de Sochi, na Rússia, o caso conturbado entre a equipe Haas, seu patrocinador *master* russo e seu piloto russo e a campanha - na Fórmula 1 - apoiando a Rússia e pedindo o fim da guerra.

3.2.1. GP de Sochi

Antes mesmo da estreia do Grande Prêmio de Sochi algumas corridas já haviam acontecido na Rússia. As duas primeiras corridas aconteceram durante o Império Russo, em 1913 e 1914, sendo elas anteriores ao formato atual da Fórmula 1 (Media, 2020); essas corridas foram interrompidas devido a eclosão da 1ª Guerra Mundial e da Guerra Civil Russa, não sendo retomadas após a abolição do império czarista e o estabelecimento da URSS.

Durante a União Soviética, na década de 1980, houve um interesse da Fórmula 1 em realizar um GP no Estado socialista. Uma corrida em São Petersburgo chegou a ser colocada na prévia do calendário de 1983, contudo esse Grande Prêmio da União Soviética nunca aconteceu por razões burocráticas (Media, 2020), mas também geopolíticas e políticas que exigia a Guerra Fria. Década mais tarde, em 2001, o então presidente Putin expressou apoio

ao projeto “Pokrovskoye Ring”, a construção de um circuito próximo ao aeroporto de Pulkovo, em São Petersburgo, todavia, nunca se concretizou.

Anos mais tarde, em 2003, o conselho de Moscou aprovou um projeto para a construção de um circuito no distrito de Molzhaninovsky, em Moscou, contudo, mais uma vez, o projeto nunca se concretizou, já que foi abandonado após uma disputa sobre o contrato comercial (Media, 2020). Já em 2008, foi divulgado que seriam iniciados os trabalhos para um circuito da Fórmula 1 na vila de Fedyukovo, distrito de Volokolamsk localizado na província de Moscou; a construção do Autódromo de Moscou foi concluída em 2012, apesar disso, nunca aconteceu uma corrida da F1 nele, apenas de outras categorias (Media, 2020).

Por fim, em outubro de 2010, foi anunciado que a cidade de Sochi - que sediaria as Olimpíadas de Inverno em 2014 - sediaria também a Fórmula 1 após a assinatura de um contrato de 7 anos. Finalmente, no dia 12 de outubro de 2014 aconteceu a primeira corrida da Fórmula 1 na Rússia. Após o término do contrato com Sochi, houve, em 2021, a assinatura de um contrato para mudar o evento para Igora Drive, perto de São Petersburgo, a partir de 2023 (F1, 2021). No entanto, o GP de Igora Drive nunca ocorreu em razão da invasão russa à Ucrânia.

Um dia após a invasão russa, isto é, no dia 25 de fevereiro de 2022, a Fórmula 1 postou um comunicado nas redes sociais suspendendo o GP da Rússia do ano em questão (Smith, 2022):

O Campeonato Mundial de Fórmula 1 da FIA visita países de todo o mundo com uma visão positiva de unir as pessoas, unindo as nações. Estamos observando os acontecimentos na Ucrânia com tristeza e choque e esperamos uma resolução rápida e pacífica para a situação atual. Na noite de quinta-feira a Fórmula 1, a FIA e as equipes discutiram a posição do nosso esporte, e a conclusão é, (...), que é impossível realizar o Grande Prêmio da Rússia nas atuais circunstâncias (F1, 2022, tradução nossa²⁶)

Após uma reunião, no dia 1º de março de 2022, o Conselho Mundial de Automobilismo decidiu que nenhuma competição ocorreria em território russo e bielorusso (FIA, 2022), além de outras medidas relacionadas aos pilotos que veremos no próximo subtópico. Assim sendo, no dia 3 de março de 2022, a FIA rescindiu o contrato com o organizador do GP da Rússia (Klosok e Lopes, 2022).

²⁶ No original: “The FIA Formula 1 World Championship visits countries all over the world with a positive vision to unite people, bringing nations together. We are watching the developments in Ukraine with sadness and shock and hope for a swift and peaceful resolution to the present situation. On Thursday evening Formula 1, the FIA, and the teams discussed the position of our sport, and the conclusion is, (...), that it is impossible to hold the Russian Grand Prix in the current circumstances.”

Essa rescisão foi motivada também pelo fato do governo de Putin - e ele próprio - possuírem uma forte influência na existência do GP, já que, além de financiar a corrida (Gouvêa, 2022), o presidente russo sempre participava de eventos da Fórmula 1, seja em jantares com patrocinadores ou na entrega dos troféus aos três primeiros colocados e a equipe vencedora da corrida (Gavinelli, 2022).

3.2.2. Caso Haas

Com a invasão russa no território ucraniano, a até então Uralkali Haas F1 Team, que possuía uma empresa russa produtora e exportadora de fertilizantes de potássio como patrocinadora *master* (Samora, 2019), fez um comunicado optando por utilizar um carro inteiramente branco na pré-temporada, isto é, sem as cores da bandeira russa e sem qualquer menção à empresa russa (Redação ge, 2022). Em contrapartida, nesse mesmo comunicado a equipe confirmou a permanência do piloto russo, Nikita Mazepin, nos testes de pré-temporada.

Dias mais tarde, no dia 1º de março, aconteceu o Conselho Mundial de Automobilismo, onde a FIA, após condenar a invasão russa na Ucrânia e o apoio prestado pela Bielorrússia, seguindo parcialmente o modelo da Motorsport UK²⁷, apresentou um formulário que os pilotos deveriam assinar caso quisessem continuar correndo nas categorias automobilísticas, inclusive na Fórmula 1 (Gavinelli, 2022). Neste formulário, o *Driver Commitment*²⁸, o piloto, ao assinar, concordava em correr sob bandeira neutra, em não exibir símbolos, cores e bandeiras - que remetesse à Rússia e à Bielorrússia - no capacete, em roupas e nas redes sociais.

Concordava também em não falar “as palavras “russo”, “Rússia”, “Bielorrússia”, “bielorrusso”, “Federação Russa de Automobilismo”, “Federação Bielorrussa de Automobilismo”” (FIA, 2022, p. 2, tradução nossa²⁹) e derivados. Além disso, o piloto aceitaria também que não seria tocado (e nem cantado) nenhum hino nacional, seja russo ou bielorusso, se o piloto ganhasse a corrida, não seria permitido fazer nenhuma declaração ou comentário contrário à posição da FIA em relação à guerra, nem manifestar (direta ou indiretamente) qualquer tipo de apoio à invasão e, por fim, deveria reconhecer e aceitar a imposição de futuras medidas por parte da FIA (FIA, 2022).

²⁷ A Motorsport UK, entidade que comanda o automobilismo no Reino Unido, suspendeu as licenças dos pilotos da Federação Russa de Automobilismo (RAF) e da Federação Bielorrussa de Automobilismo (BAF) no território britânico (Cuenca, 2022).

²⁸ Compromisso do Piloto, em português.

²⁹ No original: “(...) the words “Russian”, “Russia”, “Belarus”, “Belarusian”, “Russian Automobile Federation”, “Fédération de l'Automobile de Belarus””.

Todavia, apesar de Nikita Mazepin ter comunicado que aceitaria as condições impostas pela FIA, no dia 5 de fevereiro de 2022, a equipe - agora - Haas F1 Team optou por rescindir o contrato com o piloto e com a empresa Uralkali (Redação do ge, 2022). A empresa e o piloto estão ligados entre si, já que, desde 2013, o pai de Nikita, Dmitry Mazepin, controla a empresa de fertilizantes russos (Uralkali, s.d.).

Além de ser um importante oligarca russo, com extrema proximidade com o presidente Vladimir Putin, Dmitry foi um dos empresários que se reuniram, no dia 24 de fevereiro, com Putin e outros membros do governo russo para discutir o impacto da possível invasão na esteira das sanções ocidentais (Cooper, 2022). Assim sendo, o oligarca russo e seu filho acabaram sendo sancionados pela União Europeia, no dia 9 de março; eles tiveram residências confiscadas (Borghese e Mngqosini, 2022).

3.2.3. “No War”, porém depende

No dia 9 de março, juntamente com a FIA, a Associação dos Pilotos de Grandes Prêmios (GPDA - *Grand Prix Drivers' Association*, em inglês), liderada pelos pilotos, George Russell (Mercedes) e Sebastian Vettel (ex-Aston Martin) decidiram reunir todos os pilotos do grid e tirarem uma foto com camisetas e um cartaz com o dizer “No War” (“Sem Guerra”, em português) e com a bandeira da Ucrânia (Vivo, 2022). Essa ação tinha por objetivo pedir o fim da guerra e demonstrar apoio à Ucrânia nesta situação.

Dessa forma, percebeu-se que a Fórmula 1, mais uma vez, demonstrou sua posição perante o conflito, contrariando a fala de seu antigo presidente, Jean Todt, que, em 2021, perante as críticas (de ativistas de direitos humanos, inclusive da Amnistia Internacional) em relação à chegada da F1 à Arábia Saudita no ano seguinte, disse que “o automobilismo não deve ser usado como plataforma política” (Smith, 2021, tradução nossa³⁰). Assim sendo, é inevitável essa interação entre esporte e política, já que, como disse Aristóteles, “o homem é um ser político” (Fuks, s.d.), é de sua natureza se posicionar ou não, já que, mesmo não se posicionando, é uma maneira de se posicionar perante determinada situação.

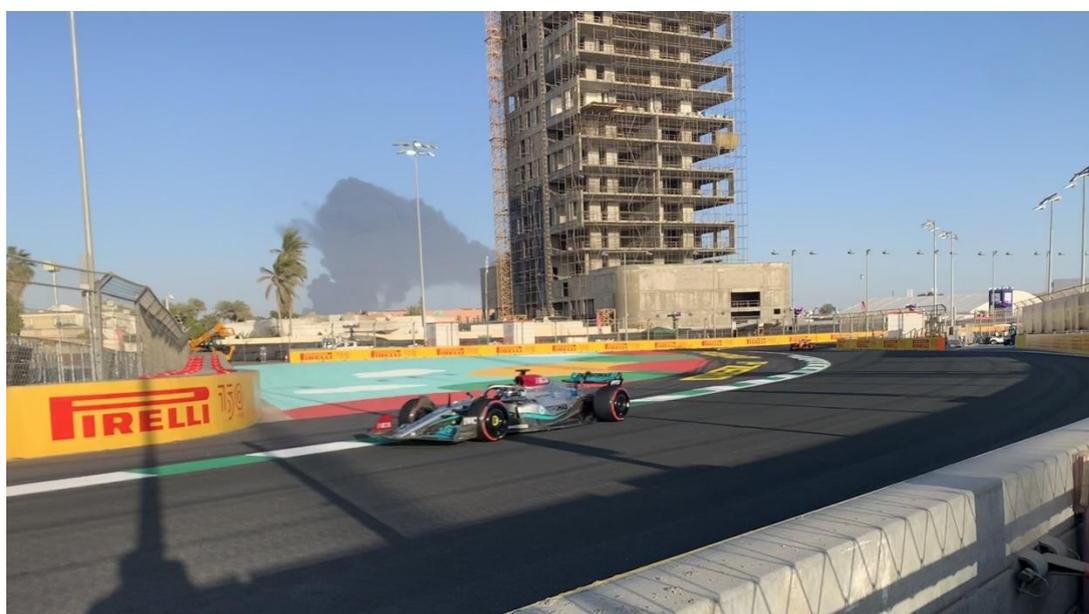
À vista disso, ao cancelar o GP da Rússia, aplicar uma série de medidas a pilotos russos e bielorrussos e ao manter corridas em países conflituosos, que participam de intervenções, a Fórmula 1 demonstra sua hipocrisia e a influência que a OTAN (principalmente os Estados Unidos) possui sobre ela. Tais países conflituosos podem ser exemplificados como no prosseguimento do GP do Bahrein (2012), que mesmo após uma

³⁰ No original: “motorsport has not to be used as a political platform”

série de manifestações contrárias a realização da corrida no país que, naquele momento, era palco dos conflitos entre sunitas e xiitas (Ge, 2013).

Outro exemplo é o do GP de Jeddah, na Arábia Saudita, em 2022, que, além de ter sido marcado pela falta de espaço na pista e a desorganização da direção de prova local, ficava a cerca de 10km do depósito da Aramco - empresa petrolífera patrocinadora da F1 e da equipe Aston Martin - que foi explodido por um grupo rebelde iemenita³¹ (Rodrigues, 2022). Apesar dessa falta de segurança, a corrida aconteceu após o governo local e os organizadores da corrida “garantirem” que não haveria risco.

Figura 3 - Explosão próxima ao circuito de Jeddah na Arábia Saudita



Fonte: (ABC, 2022).

Após esses dois exemplos percebemos que, para a Fórmula 1, não há tanto problema se o conflito ocorre fora do continente europeu; não há comoção, pedido pela paz, rescisão de contratos. Acaba ocorrendo o termo “dois pesos, duas medidas”, já que, por ser um esporte elitista e, de certa forma, ocidental, a F1 age de acordo com seus próprios interesses elitistas e ocidentais; não tirando do calendário e punindo pilotos de países que invadem e intervêm em outros países, como os EUA, a Bélgica, o Canadá, a Espanha, a Áustria, a França, a Holanda, a Hungria, a Itália e o Reino Unido; isto é, os países membros e aliados dos membros da OTAN (principalmente dos EUA³², que é a grande força da organização).

³¹ Ambos os países - Arábia Saudita e Iêmen - estão em guerra desde 2014 pela Arábia Saudita ter liderado (apoiada pelos EUA, pela França e pelo Reino Unido) uma “operação militar” no Iêmen, país palco de uma guerra civil (Gonçalves, 2022).

³² Como aliados dos EUA podemos citar o Catar, o Bahrein, o Azerbaijão, a Arábia Saudita e o Japão, que permanecem no calendário da F.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu entender as implicações que a guerra na Ucrânia trouxe para a Fórmula 1, com o intuito de mostrar a influência da OTAN na categoria automobilística em questão. Utilizou-se de uma pesquisa exploratória-explicativa, com uma abordagem qualitativa, analisando bibliografias sobre a OTAN e a guerra na Ucrânia e documentos (sites, revistas, jornais e relatórios) referentes a Fórmula 1, a guerra na Ucrânia e suas implicações na F1.

Para se atingir uma compreensão da influência da OTAN na Fórmula 1, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro caracterizou-se pelo cancelamento do Grande Prêmio de Sochi, na Rússia, em razão da invasão russa ao território ucraniano; verificou-se que a influência política e financeira do governo russo na realização do GP de Sochi teve um peso maior no cancelamento do GP do que as tensões geopolíticas em curso, isto é, a invasão em si.

Depois, foi apresentado o caso na equipe Haas F1 Team, que rompeu contrato com seu piloto russo, Nikita Mazepin, e com sua patrocinadora master, a Uralkali, produtora e exportadora russa de fertilizantes de potássio. A análise permitiu concluir, mais uma vez, que a relação do pai de Nikita Mazepin com Vladimir Putin foi decisiva para a rescisão de ambos os contratos; a FIA não queria ter uma postura diferente da OTAN, mais precisamente de sua maior força, os Estados Unidos, já que a FIA quer muito popularizar a categoria no país estadunidense.

Por fim, foi abordada a campanha “No War” feita pelos pilotos da categoria com o intuito de pedir o fim da guerra e apoiar a Ucrânia. Assim sendo, notou-se que o movimento “No War” só serve para os países europeus e aliados da OTAN e, portanto, a F1, como um evento esportivo global, é influenciada por considerações políticas e econômicas; suas ações em relação a eventos políticos são percebidas como inconsistentes e motivadas por interesses próprios. Com isso, a hipótese do trabalho de que a OTAN possui influência na F1 se confirmou, mesmo que essa influência não ocorra de maneira totalmente explícita, mas de maneira implícita. Mediante a diferença de tratamento que ocorre quando um país é integrante da OTAN, aliado dela ou de algum integrante, e quando um país não é.

Em relação aos limites deste estudo, como ainda não é totalmente possível observar os resultados concretos da guerra da Ucrânia na Fórmula, já que o conflito ainda está em curso. Logo, seria interessante uma nova observação sobre os resultados futuros após o fim do

conflito. Da mesma forma, também pode ser interessante realizar uma análise das implicações que a guerra na Ucrânia teve para os outros esportes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFP. Ajuda militar à Ucrânia já ultrapassou R\$500 bilhões. **O Globo**, Washington, 11 jul. 2023. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/07/11/ajuda-militar-a-ucrania-ja-ultrapassou-r-500-bilhoes.ghtml>>. Acesso em: 25 set. 2023.

AFP. OTAN suspende suas operações de treinamento no Iraque. **Estado de Minas**, 4 jan. 2020. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/01/04/interna_internacional.1112155/otan-suspende-suas-operacoes-de-treinamento-no-iraque.shtml>. Acesso em: 25 set. 2023.

A História da Fórmula 1: entenda como tudo começou. **Porto Seguro**, 2022. Disponível em:

<<https://blog.portoseguro.com.br/a-historia-da-formula-1-entenda-como-tudo-comecou>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ANDRADE, Gustavo. História da Fórmula 1: onde surgiu, termos usados e circuitos. **Esportelândia**, 2023. Disponível em:

<<https://www.esportelandia.com.br/automobilismo/historia-da-formula-1/>>. Acesso em: 11 set. 2023.

BERTAZZO, Juliana. Atuação da OTAN no pós-Guerra Fria: implicações para a segurança internacional e para a ONU. **Contexto Internacional**, [S.L.], v. 32, n. 1, p. 91-119, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-85292010000100003>.

BORGHESE, Livia; MNGQOSINI, Sammy. Itália apreende imóvel de 105 milhões de euros de Nikita Mazepin, ex-Fórmula 1. **CNN Brasil**, 13 abr. 2022. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/italia-apreende-imovel-de-105-milhoes-de-euros-de-nikita-mazepin-ex-formula-1/>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

CAE un misil cerca del circuito de Fórmula 1 durante los entrenamientos. **ABC**, 25 mar 2022. Disponível em:

<https://www.abc.es/deportes/formula-1/abci-misil-cerca-circuito-formula-1-durante-entrenamientos-202203251720_noticia.html>. Acesso em: 21 set. 2023.

CHARLEAUX, João Paulo. De onde vem a ideia de que a Ucrânia pertence à Rússia. **Nexo Jornal**, São Paulo, 22 fev. 2022. Disponível em:

<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/02/22/De-onde-vem-a-ideia-de-que-a-Ucr%C3%A2nia-pertence-%C3%A0-R%C3%BAssia>>. Acesso em: 3 ago. 2023.

COMO nasceu a Ucrânia - e quais seus vínculos históricos com a Rússia. **BBC News**, 27 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-60549234>>. Acesso em: 2 ago. 2023

CONANT, Eve. Rússia e Ucrânia: a complicada história que conecta (e divide) os dois países. **National Geographic**, 24 fev. 2023. Disponível em:

<<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/02/russia-e-ucrania-a-complicada-historia-que-conecta-e-divide-os-dois-paises>>. Acesso em: 1 ago. 2023.

COOPER, Adam. F1: Mazepin e seu pai se tornam alvos de sanções da União Europeia.

Motorsport, 9 mar. 2022. Disponível em:

<<https://motorsport.uol.com.br/f1/news/f1-mazepin-e-seu-pai-se-tornam-alvos-de-sancoes-uni-ao-europeia/8845630/>>. Acesso 30 ago. 2023.

COSTA, Rogério Santos da. Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN): histórico, características, objetivos, funcionamento e influência na segurança coletiva. **Relações Internacionais em Revista**, Curitiba, v. 1, n. 4, p. 129-151, nov. 2006.

CUENCA, Pedro Luis. Órgão britânico suspende russos, e Mazepin corre risco de perder GP da Inglaterra. **Grande Prêmio**, São Paulo, 2 mar. 2022. Disponível em:

<<https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/orgao-britanico-suspende-russos-nikita-mazepin-corre-risco-perder-gp-da-inglaterra/>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

FATUROS, Frederico. F1: entenda as razões por trás do cancelamento do GP de Ímola.

Motorsport, 17 mai. 2023. Disponível em:

<<https://motorsport.uol.com.br/f1/news/f1-entenda-as-razoes-por-tras-do-cancelamento-do-gp-de-imola/10470542/>>. Acesso em: 13 set. 2023.

Fédération Internationale de l'Automobile (FIA). **Driver Commitment**. 2022. Disponível em: <https://www.fia.com/sites/default/files/driver_commitment.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

Fédération Internationale de l'Automobile (FIA). **FIA Circular**: revised measures due to russian invasion of Ukraine. 2023. Disponível em:

<https://www.fia.com/sites/default/files/_circular_note_-_update_on_the_fias_response_to_the_russian_invasion_of_ukraine_-_decisions_of_the_world_motor_sport_council_dated_7_de_cember_2022_002.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

FERNANDES, Cláudio. Fim da URSS. **História do Mundo**. Disponível em:

<<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/fim-urss.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

Formula 1 (F1). **F1 Racing Teams 2023**. Disponível em:

<<https://www.formula1.com/en/teams.html>>. Acesso em: 11 set. 2023.

Formula 1 (F1). **F1 Schedule 2023**. Disponível em:

<<https://www.formula1.com/en/racing/2023.html>>. Acesso em: 13 set. 2023.

Formula 1 (F1). **Russian Grand Prix to move from Sochi to Autodrom Igora Drive in St Petersburg in 2023**. 2021. Disponível em:

<<https://www.formula1.com/en/latest/article.russian-grand-prix-to-move-from-sochi-to-autodrom-igora-drive-in-st.1cgNL53bdr25BGbwByK6mg.html>>. Acesso em: 19 set. 2023.

FORMULA 1. **A statement on the Russian Grand Prix**. 25 fev. 2022. Twitter: @F1.

Disponível em: <<https://twitter.com/F1/status/1497181295532777475?s=20>>. Acesso em: 19 set. 2023.

FÓRMULA 1 vê queda de receitas para US\$724 milhões durante o 2º trimestre de 2023.

Máquina do Esporte, 2023. Disponível em:

<<https://maquinadoesporte.com.br/f1/formula-1-ve-queda-anual-na-receita-do-segundo-trimes>>

[tre-para-us-724-milhoes/#:~:text=A%20principal%20categoria%20do%20automobilismo,Em%20C3%ADlia%2DRomagna%2C%20em%20%20C3%8Dmola>](#). Acesso em: 13 set. 2023.

FOSTER, John Bellamy. La guerra por encargo de los Estados Unidos en Ucrania. **El Trimestre Económico**, [S.L.], v. 8, n. 355, p. 903-915, 2022. Fondo de Cultura Económica. <http://dx.doi.org/10.20430/ete.v89i355.1593>.

FUKS, Rebeca. Frase O homem é um animal político. **Cultura Genial**. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/o-homem-e-um-anim-politico/>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

GAVINELLI, Gabriel. Compromisso do Piloto: russos e bielorrussos são obrigados a assinar formulário da FIA. **F1 Mania**, 4 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.f1mania.net/fl/pilotos-russos-e-bielorrussos-sao-obrigados-a-assinar-compromisso-do-piloto-com-a-fia/>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GAVINELLI, Gabriel. Sem Sochi e Igora Drive: F1 rescinde contrato com o GP da Rússia. **F1 Mania**, 2022. Disponível em: <<https://www.f1mania.net/fl/sem-sochi-e-igora-drive-f1-rescinde-contrato-com-o-gp-da-russia/>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GONÇALVES, Jorge W. F. A Fórmula 1 e os ataques aéreos na Arábia Saudita. **Blog Fórmula 1**, 27 mar. 2022. Disponível em: <<https://blog-formula1.com/2022/03/27/a-formula-1-e-os-ataques-aereos-na-arabia-saudita/>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

HAAS anuncia saída de Mazepin: Pietro Fittipaldi pode ser substituído. **Globo Esporte**, 5 mar. 2022. Disponível em: <<https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2022/03/05/haas-comunica-saida-de-mazepin-e-pietro-fittipaldi-pode-assumir-a-vaga.ghtml>>. Acesso em 20 set. 2023.

HAAS removerá patrocinador russo do carro na pré-temporada da F1 2022. **Globo Esporte**, 24 fev. 2022. Disponível em: <<https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2022/02/24/haas-removera-patrocinador-russo-do-carro-na-pre-temporada-da-f1-2022.ghtml>>. Acesso em: 20 set. 2023.

KAISER, Brian. **The Strategic Politics of Formula 1 Racing**: insights from game theory and social choice. 2021. 98 f. Tese (Doutorado) - Curso de Philosophy, University Of California, Irvine, 2021.

KLOSOK, Aleks; LOPES, Léo. Fórmula 1 rompe contrato com organização de GP da Rússia: circuito sai da temporada. **CNN Brasil**, 3 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/formula-1-rompe-contrato-com-organizacao-de-gp-da-russia-circuito-sai-da-temporada/>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

KREMLIN. **DW**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/kremlin/t-36328530>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

LESME, Adriano. Fórmula 1. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/formula-1.htm>>. Acesso em: 11 set. 2023.

LOBATO, Ricardo. Como a herança da União Soviética se relaciona com a guerra na Ucrânia. **Aventuras na História**, São Paulo, 9 abr. 2022. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/como-heranca-da-uniao-sovietica-s-e-relaciona-com-guerra-na-ucrania.phtml>>. Acesso em: 7 ago. 2023.

LOBATO, Ricardo. Como o passado ajuda a entender a origem da guerra na Ucrânia. **Aventuras na História**, São Paulo, 9 abr. 2022. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/como-o-passado-ajuda-entender-origem-da-guerra-na-ucrania.phtml>>. Acesso em: 7 ago. 2023.

LOUREIRO, Felipe Pereira. A Guerra na Ucrânia: significados e perspectivas. **CEBRI**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-12, jan. 2022.

MANIFESTANTES começam protestos contra GP da Fórmula 1 no Bahrein. **Globo Esporte**, 1 abr. 2013. Disponível em: <<https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2013/04/manifestantes-comecam-protestos-contra-gp-da-formula-1-no-bahrein.html>>. Acesso em: 21 set. 2023.

MARK, Joshua K. Rússia de Kiev. **World History Encyclopedia em português**, 3 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-16603/russia-de-kiev/>>. Acesso em: 1 ago. 2023.

MARSHALL, Tim. Rússia. In: MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da Geografia**: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 17-44.

MEDIA. F1 Russian Grand Prix. **F1 Chronicle**, 2020. Disponível em: <<https://f1chronicle.com/f1-russian-grand-prix-formula-1-calendar/>>. Acesso em: 19 set. 2023.

Nações Unidas (ONU). **O que é e por que é importante a Iniciativa Grãos do Mar Negro**. 2022. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2022/09/1801531>>. Acesso em: 9 set. 2023.

NASCIMENTO do Estado Russo: o Reino de Kiev (sécs. IX-XIII). **Infopédia**. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$nascimento-do-estado-russo-o-reino-de-kiev](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$nascimento-do-estado-russo-o-reino-de-kiev)>. Acesso em: 2 ago. 2023.

North Atlantic Treaty Organization (NATO). **Cooperation with the African Union**. 2023. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_8191.htm>. Acesso em: 8 set. 2023.

North Atlantic Treaty Organization (NATO). **NATO member countries**. 2023. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_52044.htm>. Acesso em: 25 ago. 2023.

North Atlantic Treaty Organization (NATO). **NATO Mission Iraq**. 2023. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_166936.htm>. Acesso em: 4 set. 2023.

North Atlantic Treaty Organization (NATO). **NATO's role in Kosovo**. 2023. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_48818.htm>. Acesso em: 4 set. 2023.

North Atlantic Treaty Organization (NATO). **Relations with Ukraine**. 2023. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_37750.htm>. Acesso em: 25 ago. 2023.

North Atlantic Treaty Organization (NATO). **Signatures of Partnership for Peace Framework Document**. 2020. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_82584.htm>. Acesso em: 25 ago. 2023.

North Atlantic Treaty Organization (NATO). **Tratado do Atlântico Norte**. 1949. Artigo 5. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm?selectedLocale=pt>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PAIVA, Luciana L. R. Intervenções Militares: a intervenção da OTAN na Líbia. **Conjuntura Internacional**, 5 out. 2012. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2012/10/05/intervencoes-militares-a-intervencao-da-otan-na-libia/>>. Acesso em: 22 set. 2023.

ROSA, Joseane. Perestroika e Glasnost. **Educa + Brasil**, 21 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/perestroika-e-glasnost>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SANTOS, Júlia Mendes Martins dos; SILVA, Laura Carolina Fonseca; SOUZA, Thaís Santos. Intervenção da OTAN no Kosovo. **Fronteira**, Belo Horizonte, v. 16, n. 32, p. 191-203, jul. 2017.

SARFATI, Gilberto. O Realismo morreu? In: SARFATI, Gilberto. **Teoria das Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 229.

SILVA, Daniel Neves. Guerra da Bósnia. **História do Mundo**. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-bosnia.htm>>. Acesso em: 8 de set. 2023.

SMITH, Elliot. Racing chief says Formula One shouldn't get involved in politics as sport faces heat ahead of Saudi Grand Prix. **CNBC**, 3 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.cnb.com/2021/12/03/f1-shouldnt-get-involved-in-politics-fia-boss-says-before-saudi-grand-prix.html>>. Acesso em: 21 set. 2023.

SMITH, Fred. Formula 1 cancels 2022 Russian Grand Prix in Sochi. **Road and Track**, 25 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.roadandtrack.com/news/a39223570/formula-1-cancels-2022-russian-grand-prix-in-sochi/>>. Acesso em: 18 set. 2023.

THEODORO, Leonardo. Pacto de Varsóvia: a aliança militar dos soviéticos!. **Politize!**, Florianópolis, 26 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/pacto-de-varsovia/>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

United Nations (UN). **United Nations Charter, Chapter VII: action with respect to threats to the peace, breaches of the peace, and acts of aggression**. Article 51. Disponível em: <<https://www.un.org/en/about-us/un-charter/chapter-7>>. Acesso em: 26 ago. 2023.

Uralkali. **About Us**. Disponível em: <<https://www.uralkali.com/about/>>. Acesso em: 20 set. 2023.

VIVO, Nathalia de. Foto: pilotos da F1 se reúnem no Bahrein com camisetas contra guerra da Rússia. **F1 Mania**, 9 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.f1mania.net/fl/foto-pilotos-da-f1-se-reunem-no-bahrein-com-camisetas-contra-guerra-da-russia/>>. Acesso em: 11 jul. 2023.